

Na morte de Herberto Helder

Do Lobito a Luanda, passando pela Sevilhana

Como foi largamente noticiado, faleceu no passado dia 23 em Cascais, Portugal, o poeta Herberto Helder, uma referência incontornável, se não a mais significativa, da poesia portuguesa da segunda metade do século XX.

Caracterizada pela sua fulgurância estética, mas sobretudo pela sua pujança verbal, Herberto Helder é, essencialmente, o poeta mítico da modernidade portuguesa contemporânea, não só pela intensidade particular da sua obra (quer considerada em conjunto, quer na simples leitura de um único dos seus versos) mas também pelo seu estilo de vida discreto e avesso a todas as manifestações da instituição literária, pelo menos nos últimos anos.

Herberto Helder Luís Bernardes de Oliveira, HH, de seu nome completo, nasceu no Funchal 23 de novembro de 1930. Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mudou-se para Lisboa, onde exerceu profissões como jornalista, bibliotecário, tradutor e apresentador de rádio. De 1971 a 1974, trabalhou em Luanda, onde foi redactor da revista *Notícia*, editada pela empresa Neográfica, cujo capital era dividido pelo grupo Vinhas, da CUCA, e pelo banqueiro português Cupertino de Miranda, dono do Banco Comercial de Angola, BCA.

Ao contrário do que aparece nalgumas biografias publicadas, Herberto Helder nunca fez reportagens de guerra, não só porque não estava devidamente vocacionado para tal, mas porque no *Notícia* havia um repórter especializado nisso, com todas as credenciais do exército, o Fernando Farinha, que antes de mais era fotógrafo.

A estada em Angola de Herberto Helder foi-lhe de algum modo marcante, pois foi aqui que encontrou a segunda esposa, a assistente social Olga Ferreira Lima, que conheceu num célebre bar que havia em frente à Escola 15, na rua que sai do Kinaxixe para o cemitério do Alto das Cruzes, a Mastaba, onde se reunia um escol de artistas e intelectuais que as forças retrógradas identificavam como do revirinho.

Naturalmente, eu privei com HH nos três anos em que ele esteve em Angola, assim como depois em Lisboa, no bar Expresso do Largo Bordalo Pinheiro, e depois na tertúlia do Solar das Galegas, no cimo das Escadinhas do Duque. Primeiro porque colaborava no *Noite e Dia*, uma revista cultural e de espetáculos ligada à empresa do *Notícia*, onde ele trabalhava, depois porque almoçava diariamente com

ele, primeiro no mesmo restaurante, A Sevilhana, de boa memória, porque se comia muito bem, e depois à mesma mesa, quando descobriu que eu também me dava com o Aníbal Fernandes. Este, engenheiro de profissão e formação, que era natural do Lubango, último rebento da conhecida família Farrica, era director dos SMAE, Serviços Municipalizados de Água e Luz, de Luanda, e hoje continua a ser considerado em Portugal o maior tradutor de Francês para Português. Traduziu o Louis Ferdinand Céline, o Alphonse Allais, entre muitos outros, os mais difíceis de traduzir, os que era preciso recriar. Veja-se o catálogo da Editora Ulisseia antiga, e analisem-se bem as actuais edições da Assírio & Alvim. Fez também a Antologia do Conto Abominável e a antologia De Fora para Dentro, compilações de textos sobre Portugal de grandes autores estrangeiros, estas editadas pela editora Afrodite, do Fernando Ribeiro de Melo. Diga-se de passagem que esta última antologia integra um texto que ele foi descobrir, da autoria do Marquês de Sade, sobre a nossa Rainha Njinga Mbandi.

HH chegou a Luanda para ficar na revista *Notícia* pela mão do João Fernandes, que anteriormente frequentava com ele o Café Gelo, em Lisboa, que era o poiso dos Surrealistas. O primeiro texto que HH publicou no *Notícia* era uma coisa que não era reportagem nem tinha classificação para uma revista generalista, mas, como era diferente, acabou por ser uma pedrada no charco. De vários modos chamou a atenção para ele, mesmo quando assinava com um pseudónimo que afinal estava integrado no seu nome completo, Luís Bernardes, o que acontecia quando sentia que o que lhe manda-

vam fazer não era bem o campo dele.

Já agora, vou lembrar um episódio passado com ele, exactamente por altura de quando em Portugal se passava o episódio da tentativa das Caldas, a 16 de Março de 1974, pouco tempo antes do 25 de Abril. Estava ele de serviço no Lobito, e eu igualmente no mesmo hotel, o Belo Horizonte, a fazer a cobertura do II Festival Internacional de Cinema Amador, quando o encontro ao jantar, e lhe dou conta de que um dos melhores filmes dessa tarde era inspirado num poema dele, Esta terra não existe. Não descansou enquanto não conseguiu que eu contactasse a organização e lho fossem mostrar em projecção privada no Lobito Sport Clube, instituição que à data era um organismo modelar.

O filme era assinado pelo arquitecto Crinner y Dintel, lisboeta de gema que por sinal é um grande artista plástico, apesar de quase desconhecido, e desta estória o HH deu notícias no *Photomaton & Vox*, conforme há anos me chamou a atenção o poeta angolano Zetho da Cunha Gonçalves, a quem tinha contado o caso.

Caso que não acaba aqui. No dia de regresso a Luanda o HH quer-me convencer a regressar a Luanda com ele e o fotógrafo, Eduardo Guimarães, - hoje no Brasil, - para não se aborrecerem muito nos 500 quilómetros. Sopesando as coisas, apesar de gostar mais de viajar de automóvel, para ver paisagens e pessoas, acabei por recusar, no fundo estava morto por chegar a Luanda.

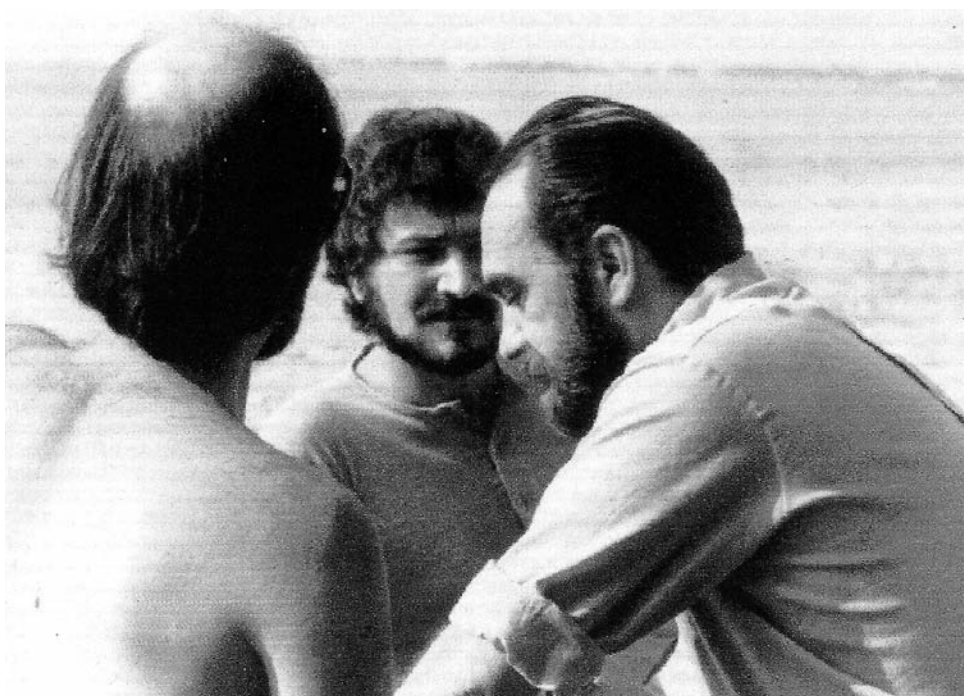
Livre-me de boa. Os dois tiveram um acidente, obrigando-os a internamento hospitalar durante várias semanas, nunca se tendo ressarcido completamente, no aspecto físico.

Embora aparentemente desliga-

do, cabe referir que, ao mesmo tempo que HH, coincidiu em Luanda a estada do grande poeta surrealista português José Sebag, que veraneou pela Emissora Oficial durante uns tempos e assinou crónicas exemplares na revista *Notícia*.



RODRIGUES VAZ



HH com Troufa Real e Carlos Fernandes em 1971

